

ARTICULAÇÕES ENTRE PONTEIROS, SOCIEDADE E POLÍTICA PÚBLICA CULTURAL: UMA ABORDAGEM ANTROPOLÓGICA DOS PONTOS DE CULTURA

Ariel F. Nunes¹

RESUMO: Os Pontos de Cultura, como uma política pública voltada à participação da sociedade e ao exercício da diversidade cultural objetiva localizar, potencializar e colocar em diálogo as culturas locais. Com o intuito de observar as práticas desta política pública cultural, este trabalho se concentrou nos coordenadores dos Pontos de Cultura – também conhecidos como *ponteiros*. Estes *ponteiros* operam como articuladores entre a política pública cultural e a sociedade civil, ocupando posições intermediárias entre a política pública e sociedade. Este aspecto relacional dos *ponteiros* é aqui explorado a partir do conceito antropológico de *broker* (Wolf, 1955), como atores estratégicos que foram aqui observados a partir das redes virtuais dos Pontos de Cultura e dos encontros presenciais, como as Teias.

PALAVRAS-CHAVE: Pontos de Cultura, Ponteiros, Política Pública Cultural, Rede, Teias.

Diante das mudanças ocorridas durante a gestão do Ministro Gilberto Gil (2003-2008), os Pontos de Cultura se destacaram como a principal política inovadora desta gestão. Por ser uma política pública cultural focada na diversidade cultural e na participação da sociedade, os Pontos de Cultura projetaram mudanças nos antigos paradigmas das políticas públicas culturais. A especificidade dos Pontos de Cultura que será aqui explorada corresponde a uma figura fundamental de negociação das políticas culturais: os gestores dos Pontos de Cultura - também conhecidos como *ponteiros*. Trata-se de membros da sociedade civil que administram a captação e aplicação de recursos para criação e manutenção dos Pontos e que operam como atores estratégicos para a execução desta política cultural.

Os Pontos de Cultura - inaugurados em 2004 – são administrados a partir do modelo de gestão compartilhada, como uma proposta de inclusão da sociedade civil na construção de políticas públicas culturais. Para tornar-se um Ponto de Cultura é preciso elaborar um projeto que tenha impacto sócio-cultural e inscrever-se no processo seletivo que ocorre via edital/MinC. Para

¹ Historiadora e Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: arielfn_hp@yahoo.com.br

ser proponente do projeto, são consideradas as organizações e/ou instituições sem fim lucrativo. Os projetos enviados passam pela Comissão Nacional de Avaliação, composta por autoridades governamentais e indivíduos envolvidos com a área cultural. Se o projeto é selecionado, um convênio é assinado e o espaço e grupos envolvidos são reconhecidos institucionalmente e financiados como Pontos de Cultura.

Os gestores dos Pontos de Cultura, como indivíduos “intermediários” ou *brokers* (Wolf, 1956), são aqui observados como importantes sujeitos relacionais entre o local e o supra-local, ou entre a cultura local e a política pública nacional. Um *broker* representa aqui o elo da gestão compartilhada, uma interação que exercita um novo modelo de Estado, um protagonismo social nas políticas públicas. Os “intermediários [ou brokers] articulam sinapses cruciais das relações que ligam o sistema local ao todo mais amplo” (Wolf, 1956). Neste sentido, os Pontos de Cultura são aqui observados como nódulos de uma trama, como um Programa nacional que pode ser potencializado se acionarmos a gestão compartilhada articulada em rede, operando rizomaticamente (Turino, 2009, p. 65). Isto porque cada Ponto possui sua particularidade, mas é na operação em rede que podemos compreender os Pontos como um modelo de política pública cultural nacional.

Os Pontos se organizam em uma rede colaborativa que se ramifica em regiões, estados e municípios. A proposta da rede dos Pontos de Cultura se aproxima da metáfora do *rizoma* desenvolvida por Deleuze e Guattari (1996), como um modo de organização e de conexão que desencadeia uma série de agenciamentos múltiplos entre os sujeitos. Estes agenciamentos comportam muitos termos heterogêneos, que estabelecem relações e ligações entre eles (Deleuze, 1995), “porque um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*”. (Deleuze e Guattari, 1996). As redes dos Pontos de Cultura agem como nódulos de uma rede solidária que estabelece relações entre localidades e seus governantes. Nas relações entre as localidades, os estados e o Ministério, os ponteiros se destacam como personagens fundamentais para tais articulações. O ponteiro entrecruza várias relações – locais e supra-locais. Estes indivíduos “intermediários” são aqui observados como importantes sujeitos relacionais entre a política do Estado e as localidades.

Os ponteiros compõem uma rede colaborativa que evidencia dois elementos importantes a serem aqui explorados: a rede virtual dos Pontos de Cultura e os encontros presenciais dos Pontos: Teias – encontros supra-locais onde participam ponteiros, políticos locais e representantes

do Ministério. Tanto a rede virtual quanto estes encontros supra-locais destacam as posições destes *brokers*, assim como seus modos de articulação em rede. Pretendemos analisar as relações locais e supra-locais entre os ponteiros e do espaço público que é compartilhado entre ponteiros, política e arte. A partir da rede virtual dos Pontos de Cultura e dos encontros presenciais dos ponteiros exploraremos as posições destes *brokers*, assim como suas articulações em rede.

Os grupos virtuais dos ponteiros operam como uma rede virtual não-presencial que organiza, inclusive, os encontros presenciais dos Pontos de Cultura. A rede virtual foi aqui observada através dos grupos virtuais dos Pontos – como é o caso do PC-Goiás: um grupo de discussão virtual dos ponteiros do estado de Goiás. Neste grupo de discussão os ponteiros divulgam eventos, editais públicos e premiações. Mas também compartilham opiniões sobre as políticas culturais e seus gestores, além das dificuldades burocráticas e administrativas, como o atraso ou não recebimento das parcelas do convênio.

No estado de Goiás, o pacto entre União/MinC e Estado/Agepel tem como instrumento o convênio nº 430 /2007 - MinC, de 31 de dezembro, publicado no Diário Oficial da União em 25 de janeiro de 2008. A parceria entre Agepel e MinC remete à descentralização dos recursos orçamentários para implementação do Programa Mais Cultura no estado. A partir de 2007, os convênios começaram a ser assinados entre os Pontos e as Agências e Secretarias, municipais e estaduais. Com isto, os Pontos de Cultura começaram a dialogar com os órgãos públicos e governos locais. A descentralização - apesar de ter burocratizado ainda mais o sistema do Programa, - aponta ser um fator deflagrador para ampliação das redes e grupos virtuais locais, municipais estaduais e regionais. A rede dos Pontos de Cultura de Goiás foi conveniada com a Agepel (Agência de Cultura Pedro Ludovico) a partir do Edital de Seleção nº 001, de 12 de Dezembro de 2008. Os Pontos de Cultura de Goiás se conveniaram à Agepel e constituíram uma rede virtual de comunicação entre os Pontos de Cultura do Estado.

Atualmente os Pontos de Cultura do país estão ligados a diferentes redes estaduais e municipais. As redes, além de atuarem de forma colaborativa, também agem como ferramenta política dos ponteiros.

Os grupos virtuais (tal como o PC-Goiás) dialogam com outros grupos virtuais temáticos, municipais, estaduais ou regionais. Em conjunto, estes grupos virtuais constituem uma rede virtual diversificada dos Pontos de Cultura. De acordo com a etnografia realizada durante a pesquisa, as redes e os grupos virtuais dos Pontos de Cultura são as ferramentas-chaves nas

articulações entre os Pontos de Cultura. As redes apontam ser o movimento dos Pontos de Cultura, pois é a partir das articulações em redes e em grupos virtuais que os ponteiros organizam encontros setoriais ou temáticos, por meio de Fóruns, das Teias e das reuniões da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura. Portanto, são precisamente nestes encontros que as políticas públicas culturais são presencialmente votadas e debatidas.

Nesta pesquisa observamos que a rede virtual dos Pontos de Cultura - ramificada em grupos virtuais - é atravessada por processos políticos locais e supra-locais. Trata-se de uma ferramenta e ao mesmo tempo, um modo de organização e articulação dos ponteiros. Todos os ponteiros que compõem este trabalho foram unânimes em afirmar que a rede é o grande diferencial dos Pontos de Cultura com as demais políticas culturais.

São a partir das experiências compartilhadas que os ponteiros do PC-Goiás propõem e agendam reuniões com Secretários e outros representantes políticos estaduais e municipais. Entretanto, os ponteiros do PC-Goiás estão em contato com outros grupos virtuais de ponteiros de outros Estados, podendo negociar ações conjuntas com outros Estados. Os Pontos de Cultura não atuam isoladamente, pois estão distribuídos em uma rede de contatos com outros Pontos, de outros municípios, cidades e estados. A rede virtual dos Pontos de Cultura é aqui compreendida como um espaço público virtual onde os ponteiros se organizam e compartilham experiências em uma rede virtual colaborativa. A rede virtual também é uma ferramenta própria dos ponteiros, mas ela não substitui a co-presença real - que permanece fundamental para a existência de rituais que estimulam a construção de complexas cadeias entre os atores políticos (Ribeiro, 2008). O espaço público virtual opera conjuntamente com o espaço público dos Pontos de Cultura, que corresponde à mediação entre o Estado e a sociedade civil.

Mas os Pontos de Cultura não se articulam apenas virtualmente. A articulação presencial entre os ponteiros ocorre nos encontros regionais e nacional dos Pontos de Cultura, denominados de Teias. As Teias regionais são encontros presenciais dos Pontos de Cultura que se realizam uma vez ao ano - enquanto que a Teia Nacional, de dois em dois anos. O evento reúne ponteiros, integrantes dos Pontos e representantes dos Estados e do MinC. As Teias são marcadas por debates fóruns, plenárias e grupos de trabalho (GTs), onde os ponteiros formalizam propostas ao Ministério da Cultura. As Teias possuem um papel importante para o diálogo com as políticas culturais e para construção de marcos legais aos Pontos de Cultura.

As Teias como encontros supra-locais compõem diferentes grupos, sejam artistas,

ponteiros, representantes do MinC, simpatizantes de partidos, produtores, gestores e administradores da área cultural. Este encontro híbrido me permitiu observar as redes de relações que vão além dos ponteiros e que se estendem para diferentes grupos que ocupam diferentes posições sociais. A Teia é um encontro político entre ponteiros e gestores públicos, mas é também um momento para apresentações culturais públicas, performaticamente apresentadas pelos Pontos de Cultura durante todos os dias das Teias. As apresentações funcionam como uma “vitrine” onde os espectadores são os gestores públicos do MinC e Secretarias, políticos locais e para a população em geral. Um dos campos onde esta pesquisa se concentrou foi na 4ª Teia Centro-Oeste, ocorrida nos dias 22, 23 e 24 de Junho de 2011, na cidade de Cuiabá-MT. Este campo me propiciou uma análise privilegiada da dinâmica organizacional e política dos ponteiros. Tive a oportunidade de viajar mais de 20 horas de ônibus com mais de 40 ponteiros até a cidade de Cuiabá. Durante a viagem conheci os ponteiros de Goiás e me informei dos assuntos que estariam em discussão na Teia, tais como o atraso no pagamento de parcelas dos convênios e a proposta de criação de uma plataforma virtual para os ponteiros.

Durante a viagem à Teia Cuiabá, percebi que todos os ponteiros já se conheciam e já mantinham contatos através dos grupos virtuais e das redes. As indagações dos colegas ponteiros me ajudaram a refletir sobre quem é incluído e quem não é incluído nas políticas públicas culturais. Conversamos sobre a escrita dos projetos, como é a prestação de contas, como ocorre a captação de recursos. Aos poucos fui percebendo que ser ponteiro remete a uma atividade trabalhosa, que exige uma boa escrita, conhecimentos de leis, orçamentos e prestações. Percebi que as redes dos Pontos de Cultura também auxiliam os ponteiros que estão com dificuldades no trabalho administrativo dos Pontos. Comecei a indagar sobre o ponteiro dividido entre a arte e o trabalho administrativo. O que seria um ponteiro? Um artista ou um administrador?

O primeiro dia do Encontro contou com a leitura do Regimento Interno da Teia, apontando para as atividades e discussões a serem realizadas durante o evento. Após a abertura, no decorrer daquela sexta-feira houveram apresentações culturais simultâneas a encontros e reencontros entre ponteiros, políticos e artistas de toda região Centro-Oeste. Entre conversas e apresentações culturais, alguns ponteiros me diziam estar “cansados”, sem tempo para dedicarem à sua arte, pois estariam desgastados pelo trabalho administrativo de ser ponteiro.

Na manhã de sábado, segundo dia da Teia, ocorreu um Fórum dos Pontos de Cultura, na

galeria da Secretaria de Cultura do Estado de Cuiabá. Na mesa estavam: os representantes das redes dos Pontos de Cultura de Brasília, do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul. Não havia um representante da cidade de Goiânia. Na mesa ainda estava a então Assessora do MinC, Neide Aparecida. Na fala da única representante do MinC foi destacada a história da criação dos Pontos de Cultura. Muitos colegas ao meu lado comentaram que o discurso da Assessora deveria ter se concentrado nos desajustes do Programa, ao invés da descrição do Programa Cultura Viva.

Após a fala da banca, os ponteiros iniciaram as perguntas aos representantes das redes e do MinC. A primeira pergunta foi sobre a gestão dos convênios e o não pagamento das parcelas. O ponteiro questionou sobre convênios de 2007 que até 2011 não haviam recebido nenhuma parcela e que ainda mantinham suas atividades. Neide Aparecida respondeu que até o final daquele ano (2011) todos os Pontos de Cultura receberiam as parcelas em atraso.

Através dos e-mails e conversas que circulam no grupo PC-Goiás, observei que o problema do não repasse de parcelas ainda está presente no cotidiano dos Pontos de Cultura de Goiás. Desde a Teia de Cuiabá até o início do ano de 2012 não observei grandes mudanças no Programa Cultura Viva. Aliás, alguns Pontos de Cultura tais como o “Criméia Resistência Comunitária” e o “Pólo de Produção de Vídeo Digital” não tiveram seus convênios re-assinados por complicações nas prestações de contas. Além do cancelamento deste e outros Pontos de Cultura de Goiás, o Pontão de Cultura Digital República do Cerrado, localizado na Universidade Federal de Goiás (UFG) também não teve seu convênio re-assinado.

Neste trecho de meu diário de campo, observamos o funcionamento das Teias e alguns desafios dos ponteiros. Tanto nas Teias como na rede virtual dos Pontos de Cultura, os ponteiros são chaves para as relações entre os Pontos, e dos Pontos com os gestores públicos. Mas os ponteiros também são responsáveis pela escrita, inscrição dos projetos, pela programação dos gastos, programação das atividades e as prestações de conta de seus respectivos Pontos. Realizam o trabalho administrativo de manutenção dos Pontos ao mesmo tempo em que articulam diretamente com outros Órgãos Públicos e com o Ministério da Cultura.

O conceito de broker (Wolf, 1956) é aqui utilizado como ferramenta metodológica para analisar as intermediações dos ponteiros, assim como a sua organização distribuída em redes. Estas intermediações dos ponteiros são aqui compreendidas como processos políticos de nível local e supra-local, que ocorrem dentro e “fora” das instituições, entre Estado e sociedade civil.

Trata-se de um problema clássico da Antropologia: sobre as relações entre as instâncias locais e supra-locais. Os ponteiros, tidos como *brokers*, evidenciam outros níveis de relação com a política pública nacional e com as redes de relações que integram níveis locais e supra-locais. A análise das relações entre ponteiros, política cultural e sociedade civil indica vários níveis de articulação e de participação. Para aprofundarmos a análise destas relações em rede, a abordagem de Steward (1955) acerca dos “níveis de integração” é aqui utilizada como ferramenta analítica para explorar essas diferentes posições e relações que se estabelecem entre ponteiros, política pública cultural e sociedade civil, o impacto deste novo modelo de política cultural, como ele é planejado e coordenado.

As relações em rede dos Pontos de Cultura, assim como as articulações dos ponteiros formam um espaço público mediado por vários atores em diferentes posições, que ocupam múltiplos níveis locais e supra-locais. Para compreender esta dinâmica, a categoria de espaço público (Habermas, 1976) é aqui utilizada em dois momentos: o primeiro, para compreender o espaço público virtual dos Pontos de Cultura, da Rede e dos grupos virtuais dos Pontos de Cultura, espaço protagonizado pelos ponteiros. O segundo, é nos encontros supra-locais dos Pontos de Cultura, tal como as Teias, onde se concentram em uma arena política, ponteiros, políticos locais, artistas e representantes do MinC.

Habermas define “público” como indivíduos privados que se reúnem em debates sobre assuntos que afetam a autoridade estatal (Habermas, 1976). A *mudança estrutural da esfera pública* se daria diante da transformação da noção de “público”. O autor descreve que a “esfera pública” foi historicamente conceitualizada como a “elite sphere public” composta pelos segmentos mais estreitos da população europeia burguesa que representava um *locus* impessoal de autoridade (Habermas, 1976). A noção de “público” se concentrava na esfera da vida pública burguesa, esclarecida e politizada que se estendera durante os séculos XVII e XVIII. Ao contrário desta antiga noção de “público”, a noção moderna está embasada na participação e na oposição das “autoridades públicas” (Habermas, 1976). Estes novos modos e construção e participação do “público” contribuíram diretamente para a transformação do espaço público. Os Pontos de Cultura, por sua vez, caracterizam um novo espaço público onde sociedade civil, política e arte se articulam conjuntamente para a construção de uma nova forma de se fazer política pública cultural.

A posição de “intermediário” constitui uma instância de poder que pode inclusive,

facilitar a ascensão social de alguns indivíduos. Este tipo de análise “mostra-se fundamental para o estudo da antropologia da política e, em especial da política em nível local e suas articulações em rede” (Ribeiro, p. 29, 2009).

Nos Pontos de Cultura analisados encontramos artistas e agentes culturais que não possuem repercussão comercial, não estão na grande mídia e não dependem de grandes tecnologias para produzirem sua arte. É frequente encontrar nos Pontos de Cultura brincantes, mamulengueiros, circenses, contadores e cantadores de histórias, artistas e mestres populares. Também encontramos militantes, professores, líderes comunitários e membros de movimentos sociais. O conteúdo produzido pelos Pontos de Cultura é compartilhado pela Internet, em grupos virtuais, tal como o PC-Goiás (Pontos de Cultura de Goiás), que por sua vez está em contato com grupos virtuais de outros Estados. A atuação destes grupos virtuais que tecem uma rede de comunicação e articulação política é um dos traços característicos do Programa. De modo que, depois da descentralização dos convênios, 85% dos Pontos estão articulados a outros Pontos de Cultura, especialmente para realização de atividades em conjunto. (Fonte: Pesquisa de Avaliação do Programa Cultura Viva FUNDAJ/IPEA, 2011).

As redes dos Pontos de Cultura agem como nódulos de uma rede solidária que estabelece relações entre localidades e seus governantes. Nas relações entre as localidades, os estados e o Ministério, os ponteiros se destacam como personagens fundamentais para tais articulações. O ponteiro entrecruza vários níveis relações – locais e supra-locais. Estes indivíduos “intermediários” são aqui observados como importantes sujeitos relacionais entre a política do Estado e as localidades. Os ponteiros, aqui compreendidos como brokers “controlam as articulações ou sinapses cruciais das relações que ligam o sistema local ao todo mais amplo” (Wolf, 1955).

Um dos principais objetivos dos Pontos de Cultura, mas ao mesmo tempo um dos maiores impasses do Programa, é a divulgação dos Pontos na localidade. Apesar do movimento dos Pontos de Cultura se fortalecer cada vez mais dentro das redes virtuais e das Teias, a maior parte da sociedade ainda desconhece o Programa e os Pontos de Cultura que existem em sua localidade. Cada Ponto de Cultura representaria uma comunidade, uma memória, um grupo ou um ponto de vista ideológico. Caberia ao ponteiro direcionar as atividades de acordo com a realidade e desejo da localidade. Sendo assim, o ponteiro articularia o Ponto de Cultura com a comunidade, agindo como um intermediador local. Este cruzamento entre localidade e Ponto de

Cultura coloca os ponteiros como mediadores locais. Este aspecto de mediador local entre sociedade e Ponto de Cultura seria fundamental para o envolvimento da população no Programa. Para além dos artistas, a proposta do Programa é de envolver crianças, populares e membros de comunidades em todos os Pontos. Se não há um compartilhamento entre os Pontos de Cultura e as suas respectivas localidades, um desafio para o Programa está colocado.

Durante a realização desta pesquisa foi comum encontrar pessoas que não tinham conhecimento do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura. Apesar de ter observado um forte movimento nas redes e nas Teias dos Pontos de Cultura, o envolvimento dos Pontos com a sociedade se mostrou uma das lacunas do Programa. *Pude observar que os Pontos de Cultura são marcados por artistas, produtores, militantes, professores, enfim, um leque de diversas opções de ativistas dos Pontos. Todavia, o que quero indicar é que os Pontos ainda não estão totalmente envolvidos com as localidades porque estas mesmas desconhecem o Programa* (trechos do diário de campo).

Alguns autores (Calabre, 2009, Rubim, 2000 e Turino, 2009) apontam que os entraves burocráticos, as diferenças de entendimento e a má vontade política são os principais impasses para a implantação de novas políticas públicas culturais, como os Pontos de Cultura. Até porque, uma entidade quando é selecionada como um Ponto de Cultura provoca uma quebra na hierarquia política. É como se o reconhecimento dos grupos desencadeasse um *empoderamento social*, [no qual] *muitos poderes constituídos não toleram* (Turino, p. 43, 2009). Produzir uma política pública “de baixo para cima” ainda incomodariam algumas estruturas de poder. A tensão entre permanência e mudança, repetição e transformação são aspectos intrínsecos de qualquer sociedade (Balandier, 2005). Mas no caso das políticas públicas culturais, a análise das continuidades e discontinuidades reflete os modos como os indivíduos convivem e resolvem estas ambigüidades no campo da cultura e da política. Se há contradições, conflitos e permanências entre as Políticas Públicas Culturais e os Pontos de Cultura, macro e micro análises podem provocar diálogos entre ambas. Os caminhos e obstáculos permitem exercício das relações entre a pesquisa, o pesquisador e o nativo, dentro daquilo que Da Mata (1978) definiu de “caráter extraordinário do pesquisador”. O aspecto mais rotineiro e humano da Antropologia (Da Matta, p. 35, 1974).

Referências Bibliográficas:

BALANDIER, Georges. *Antropología Política*. Trad. Carina C. Battaglia. Buenos Aires. Ed. Del Sol. 2005.

CALABRE, L. *Desafios à construção de políticas culturais: balanço da gestão Gilberto Gil*. IN: *Proa - Revista de Antropologia e Arte [on-line]*. Ano 01, vol. 01, n. 01, ago. 2009. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/proa/debates/debatelia.html>

DA MATTA, Roberto. *O Ofício do etnólogo ou como ter o Anthropological Blues*. Cadernos PPGAS Rio de Janeiro Museu Nacional, 1978

DELEUZE Gilles. *Conversações*. Coleção Trans. Editora 34, 1995.

DELEUZE Gilles e GUATTARI, Félix. *Os Mil Platôs*. Vol. 3. São Paulo. Editora 34. 1996.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1976.

RIBEIRO, Gustavo Lins e BIANCO, Bela Feldman (orgs). *Antropologia e Poder. Contribuições de Eric. R. Wolf* in: *Antropologia das Sociedades Contemporâneas: métodos*, Bela Feldman Bianco [org], 2009.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Comunicação & política*. São Paulo, Hacher, 2000.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Diversidade Cultural enquanto discurso global: Desigualdade e Diversidade*. Revista Ciências Sociais, PUC-Rio, nº 2 Jan/Jun 2008.

STEWART, Julian. *Theory of Culture Change: The Methodology of Multilinear Evolution*, Urbana, University of Illinois Press, 1955.

TURINO, Célio. *Ponto de Cultura: o Brasil de baixo para cima*. São Paulo. Editora Anita Garibaldi, 2009.

WOLF, Eric R. Aspects of Groups Relations in a Complex Society. *American Anthropologist*, 1956.

WOLF, Eric R *Types of Latin American peasantry: a preliminary discussion*. *American Anthropologist*, 1955. Disponível: www.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1956.58.6.02a00070/pdf.